

NOSSO BAIRRO EM PAUTA: JORNAL PRODUZIDO COM A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

NOSSO BAIRRO EM PAUTA: A NEWSPAPER PRODUCED WITH COMMUNITY PARTICIPATION

Bruna Thaís Loebens¹

Marta Oliveira Santos²

RESUMO

A partir do tema democratização da informação, este trabalho apresenta o processo de construção do Jornal Nosso Bairro em Pauta, principal atividade jornalística que o Projeto de Extensão Nosso Bairro em Pauta, da Universidade Feevale, desenvolveu ao longo dos seus 13 anos. As atividades realizadas partiram das relações entre mídia, educação e cultura, oportunizando a participação da comunidade na construção do periódico e capacitando os acadêmicos no desenvolvimento de atividades de cunho comunitário, formando um vínculo com a população local. O jornal teve como finalidade oportunizar o processo de resgate do respeito e da valorização da opinião da escola pública na reconstrução da identidade da sua comunidade.

Palavras-chave: Democratização. Comunidade. Comunicação. Universidade.

ABSTRACT

From the democratization of information theme, this work presents the construction process of the newspaper “Nosso Bairro em Pauta - Our neighbourhood in Question”, main journalistic activity that was developed by the extension project “Nosso Bairro em Pauta - Our neighbourhood in Question”, from Feevale University, it developed over its 13 years. The activities held by this project started from the relationship between media, education and culture, providing opportunities for community participation in the construction of the newspaper and empowering academics in the development of Community activities, forming a bond with the local population. The newspaper aimed to create de opportunity to recover the respect and appreciation of the public school opinion in rebuilding the identity of their community.

Keywords: Democratization. Community. Communication. University.

¹ Universidade Feevale. E-mail: brunaloebens@feevale.br

² Universidade Feevale. E-mail: mosantos@feevale.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo descrever as ações desenvolvidas a partir do Jornal Nosso Bairro em Pauta, uma publicação produzida pelo Projeto de Extensão Nosso Bairro em Pauta da Universidade Feevale. O projeto ocorreu de 2002 a 2015, com o objetivo de integrar a comunidade à universidade e atendeu os moradores dos bairros São José e Vila Nova, em Novo Hamburgo (RS), que ficam próximos à universidade. As atividades realizadas partiram das relações entre mídia, educação e cultura, oportunizando a participação da comunidade na construção das notícias das escolas e dos bairros que faziam parte do periódico. O jornal teve como finalidade oportunizar o processo de resgate do respeito e da valorização da opinião da escola pública na reconstrução da identidade da comunidade, fazendo com que os moradores se identificassem e vissem seu bairro de uma forma positiva, aquém dos problemas comuns do dia a dia. Entre os objetivos específicos destaca-se o relato do processo de produção e distribuição do Jornal Nosso Bairro em Pauta, além de delinear a atuação do Conselho Editorial do Jornal como forma de estimular a participação da comunidade nas atividades de extensão e descrever o envolvimento dos acadêmicos participantes do projeto no desenvolvimento de atividades de jornalismo comunitário.

Reestruturado em 2014, o jornal tinha uma edição por semestre e surgiu da junção de dois jornais, o Folha Martin Pilgerque teve 29 edições e o Fala Kephisque teve 16 edições. Os dois jornais foram unificados e tornaram-se o Jornal Nosso Bairro em Pauta apresentou 4 edições, distribuídas gratuitamente para as escolas participantes do projeto e comunidade em geral.

Através de quatro professoras orientadoras do projeto das áreas de Publicidade e Propaganda e Jornalismo, os acadêmicos de Comunicação Social desenvolviam atividades relacionadas ao currículo do curso e sobretudo, promoviam as questões comunitárias e sociais. O envolvimento para a compreensão das questões e dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, eram discutidos com a participação de um Conselho Editorial, formado por professoras e direção destas escolas, junto aos acadêmicos e professoras orientadoras do Projeto. A partir de reuniões, eram debatidas possíveis pautas a serem desenvolvidas no jornal, que possuía sessões fixas que abordavam temas como Sala de Aula, Saúde, Serviços Feevale, Por onde anda, Esporte, Psicologia, Dicas, Oficinas, Jovem Repórter e Caderno Especial, totalizando 28 páginas.

De acordo com Bauman (2003), comunidade é um compartilhamento natural ou implícito aos indivíduos. É um local onde todos convivem e dividem um território geograficamente desconectado. Desta forma, pode-se compreender a importância do bom convívio entre os pares, justificando a integração entre universidade, escola e comunidade que vivem no mesmo espaço geográfico.

Bahia (1990, p.9), no livro “Jornal, História e Técnica”, destaca que “é da natureza do jornalismo levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social. Nesse sentido, assume uma condição de intermediário da sociedade”. Estes são alguns dos aspectos que dão valor ao trabalho desenvolvido junto à comunidade. O jornal tinha a finalidade de mostrar um outro lado da comunidade, fazendo com que os moradores observassem os aspectos positivos existentes, além da violência e da situação social da comunidade. O Projeto foi responsável por realizar um vínculo entre a comunidade e os acadêmicos que atuavam em atividades de cunho comunitário.

A representação da comunidade através do Conselho Editorial, faz a execução dos temas abordados nas notícias, na comunicação com as escolas e a distribuição dos exemplares. Com o intuito de abordar temas diferentes daqueles retratados na mídia tradicional, o Jornal Nosso Bairro em Pauta ampliava os assuntos mostrando que há mais do que aquilo que é recorrente nas comunidades e que muitas vezes os próprios moradores não percebem. Encontram-se histórias de sala de aula, que em um esforço incansável de professores e com o mínimo de recursos, desenvolvem trabalhos enriquecedores com seus alunos.

O Jornal Nosso Bairro em Pauta procurava envolver ao máximo a comunidade no processo de construção, fazendo-a opinar, dar ideias e oportunizando que eles pudessem abrir o jornal e ver-se nele. Observar sua trajetória, seus amigos, e reconhecer o valor das histórias contadas nas reportagens. Para os acadêmicos, o jornal fez o papel de laboratório para a experiência interdisciplinar, oferecendo a oportunidade de interagir com a comunidade em um ambiente de prática profissional.

2 A METODOLOGIA UTILIZADA

Este estudo foi desenvolvido a partir dos métodos e técnicas de pesquisa social que Gil (2012, p. 27), destaca que “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. A pesquisa social tem como objetivo, mostrar uma visão geral acerca da comunidade, proporcionando mais informações sobre o assunto tratado. A partir da pesquisa de âmbito social, destaca-se o método “Narrativas do vivido”, ramo da sociologia compreensiva, ao qual Juremir Machado da Silva expõe que:

Em todos os casos, trata-se de descrever, mostrar, relatar, ‘reportar’, fazer a crônica, levantar os diversos pontos de vista em conflito, dar voz, fazer falar, radiografar, cartografar, relacionar, construir perfis, ‘retratar’ uma comunidade, refazer a história de vida de um indivíduo ou grupo, ‘biografar’, contar, cobrir, descobrir, fazer vir, fazer emergir, produzir um mosaico, montar um painel, tecer os diversos fios de uma realidade imaginária e de um imaginário realizado. As narrativas do vivido são biografias de atores sociais contemporâneos em movimento (SILVA, 2003, p. 83).

O papel dos acadêmicos como “narradores” dessas histórias, o colocam como pesquisadores do imaginário, narrando os fatos e tendo uma visão interna daquilo que é relatado. As narrativas se dão através das vozes dos envolvidos na construção das histórias contadas.

O método de pesquisa utilizado foi o experimental, de maneira que o grupo participante é estimulado por alguma influência, com a finalidade de obter mais informações sobre o assunto investigado (PRODANOV, FREITAS, 2013). A pesquisa experimental, representa a determinação de um objeto de estudo, selecionando as ações que vão influenciá-lo, definindo e observando os efeitos que estas ações vão produzir no objeto de estudo. (GIL, 2012).

Este estudo caracteriza também uma pesquisa-ação, que se define pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo da pesquisa. Fals Borda define como pesquisa-ação:

[...] que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa experiência do exterior (BORDA, 1983, p.43).

O objetivo principal deste artigo é apresentar o processo de construção do Jornal Nosso Bairro em Pauta, além das ações desenvolvidas pelo projeto, realizado pelos acadêmicos de Comunicação Social, junto à comunidade dos bairros São José (Kephass) e Vila Nova (Vila Martin Pilger), em Novo Hamburgo (RS), como forma de promover a democratização da informação. A partir desse objetivo geral, pode-se elencar os seguintes objetivos específicos: Relatar o processo de produção e distribuição do Jornal Nosso Bairro em Pauta; Descrever a atuação do Conselho Editorial do Jornal, como forma de estimular a participação da comunidade nas atividades de extensão; Delinear o envolvimento dos acadêmicos participantes do projeto no desenvolvimento de atividades de jornalismo comunitário.

A proposta do Jornal Nosso Bairro em Pauta diferentemente dos grandes veículos é fugir dos temas factuais. Enquanto na mídia formal a abordagem mais frequente privilegia aspectos negativos dos lugares desfavorecidos economicamente - sem se questionar se essa comunidade gostaria de ler sobre isso - o periódico em estudo procura apresentar outras pautas sobre os bairros, destacando temas que dificilmente teriam espaço em outros veículos, contando histórias de moradores e mostrando bons exemplos que estão inseridos neste contexto.

O referencial teórico que dá sustentação ao trabalho tem como principais autores: Antonio Carlos Gil (2013), que trata de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social; Paulo Freire (1982), que traz a relação entre comunicação e extensão; Eliane Brum (2006), que traz o olhar do entrevistado para as pautas; Cícilia Maria Krohling Peruzzo (1998), fala sobre a participação na construção da cidadania; Denise Cogo (1998), que fala da importância e conceituação da comunicação comunitária; o autor Zygmunt Bauman (2003) traz os conceitos de comunidade; Juarez Bahia (1990), traz a história e técnica do jornalismo, na função de desenvolver um jornal; o organizador Álvaro Caldas (2002) que fala sobre o jornalismo impresso na era da internet e Raquel Paiva (1998), que fala de questões referentes à comunidade, mídia e globalização.

3 JORNAL PRODUZIDO COM A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

As escolas inseridas nos bairros Vila Nova e São José, em Novo Hamburgo foram agentes atuantes de forma direta na construção do jornal. Por meio da participação das escolas municipais Adolfinha Dieffenthaler, Eugênio Nelson Ritzel, Rodrigues Alves, Affonso Penna, Zozina Soares, Vovô Werno, Arco-Íris e Vivendo e Aprendendo, a Universidade desenvolveu uma ação extensionista, no sentido de que leva conhecimento e vivência a alguém. Freire destaca que “o que busca o extensionista não é estender suas mãos, mas seus conhecimentos e suas técnicas” (FREIRE, 1983, p. 11).

O acesso a informação e a possibilidade de contar as histórias da comunidade, permitem a construção do respeito de cada indivíduo inserido nesse contexto. “Um sujeito pensante não pode pensar

sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário” (FREIRE, 1983, p. 66). O que o autor destaca, demonstra a importância da interação entre a universidade e a comunidade, de forma que não há apenas um lado que se beneficia da vivência, mas sim o todo.

A comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. Por isto não é possível compreender o pensamento de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. Esta função, por sua vez, não é extensão do conteúdo significativo do significado, objeto do pensar de do conhecer. Comunicar é comunicar-se em torno do significado significativo. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos. É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes (FREIRE, 1983, p.67).

A comunicação permite a troca de informações e experiências de forma individual e coletiva que possibilita a criação de uma identidade representativa no meio de convívio social da comunidade. Esta representatividade, reflete um senso comum de entendimento, que faz com que essas pessoas se mantenham unidas. Bauman (2001), refere-se à “comunidade dos sonhos”, destacando os aspectos sociais que seriam ideais para o convívio pleno e qualidade de vida entre a sociedade.

Essa comunidade dos sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma “comunidade” de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo – que, quando projetada na tela da conduta amplamente replicada/copiada, parece dotar a identidade individualmente escolhida de fundamentos sólidos que as pessoas que escolhem de outra maneira não acreditariam que possuísem. Quando monotamente reiterados pelas pessoas em volta, as escolhas perdem muito de suas idiossincrasias e deixam de parecer aleatórias, duvidosas ou arriscadas: a tranquilizadora solidez de que sentiriam falta se fossem os únicos a escolher é fornecida pelo impositivo da massa (BAUMAN, 2001, p. 61).

O jornal, objeto de estudo deste artigo, utiliza ferramentas de comunicação comunitária, com o objetivo de construir junto à comunidade um instrumento que demonstrasse o lado positivo do ambiente em que ela está inserida. O recurso disponibilizado pela Universidade Feevale, por meio da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, possibilitou esta construção entre o meio acadêmico e a comunidade. A proposta possibilitou durante o período em que o Projeto existiu, a experiência dos acadêmicos, junto aos orientadores do projeto e o conselho editorial, que era o agente que possibilitava a interação entre a construção do jornal e a comunidade.

Ricardo Noblat (2006, p.21), fala sobre o papel do jornal: “um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência. E que não tema jamais ampliá-la”.

Os acadêmicos desenvolviam o trabalho inseridos diretamente nas comunidades, participando das atividades da escola, sendo assim responsáveis por realizar entrevistas, coletar informações e registrar os momentos através de fotografias, para a elaboração de matérias que abordassem atividades, notícias, eventos das escolas e personagens atuantes no contexto comunitário.

O Conselho Editorial passou a fazer parte do Projeto a partir de 2011. Composto pela direção e professores das escolas, tinha como objetivo trazer o olhar da comunidade, para a discussão e definição das pautas abordadas no periódico. Com o intuito de promover a participação da comunidade e das escolas no planejamento do jornal de maneira a mostrar o olhar da comunidade e não dos acadêmicos inseridos em contexto externo. Outro aspecto importante era o de reforçar a reflexão da Universidade e dos acadêmicos sobre os assuntos de interesse da comunidade, tornando o jornal de fato um meio adequado para a permanência da relação entre o projeto de extensão e a comunidade escolar.

A dinâmica de interação entre o Conselho Editorial e o Projeto se dava através de reuniões periódicas antes e durante o processo de construção do jornal, bem como o período após a distribuição, que tinha como função dar uma resposta quanto ao material produzido e a percepção da comunidade escolar sobre o jornal. O Conselho Editorial se tornou um elo entre a escola e o projeto, que facilitava a comunicação entre ambos, bem como o agendamento de horários entre os acadêmicos e as fontes das matérias.

O processo de construção de cada periódico durava cerca de quatro meses. A participação da comunidade escolar, ocorria através dos alunos que participavam de enquetes, eram fontes para as matérias, traziam dúvidas que eram respondidas através de matérias colaborativas e destacando junto aos bolsistas, os fatos positivos de destaque dentro do bairro. Em relação ao trabalho desenvolvido pelos acadêmicos e orientados pelas professoras da Universidade Feevale, eram realizadas entrevistas com especialistas com o objetivo de sanar as dúvidas e mostrar diferentes formas de lidar com situações do cotidiano, comportamentais, de saúde, de ordem jurídica, entre outros. Durante o processo de construção do jornal os acadêmicos trabalhavam sob orientação das professoras, de modo a demonstrar a importância da prática jornalística correta. Além dos textos e fotos, os acadêmicos realizavam também a parte gráfica do jornal fazendo a diagramação. A dinâmica de entrega do jornal, partia das ações de cada escola, que realizavam desde a distribuição em sala de aula até paradas literárias em que os alunos paravam coletivamente e liam o jornal. Posteriormente o jornal era utilizado como objeto de estudo dos professores dentro da sala de aula, de modo a praticar a leitura e exercitar aspectos da escrita literária e jornalística dos alunos.

Todos os anos era realizada uma pesquisa descritiva, com objetivo de conhecer a opinião dos leitores do Jornal Nosso Bairro em Pauta. A técnica de coleta de dados consistia em um questionário de preenchimento automático, com perguntas abertas e fechadas, aplicado nas escolas parceiras do projeto. A amostra escolhida foi não probabilística por acessibilidade, tendo como critério de seleção o fato de as pessoas pertencerem à comunidade das escolas parceiras ao projeto. A possibilidade de as comunidades produzirem suas próprias notícias e colocá-las em circulação pode ser considerada uma estratégia produtiva para o exercício da cidadania sendo que o resultado dessa publicação era semestral, com tiragem de 3.000 exemplares. O periódico era distribuído gratuitamente para alunos, pais, professores e funcionários das escolas e comunidade em geral. A partir da pesquisa realizada com uma amostra de 150 pessoas entre professores, alunos e funcionários realizada em sem dezembro de 2015, foi constatado que: 109 pessoas (41%) acreditam que o periódico ajuda a conhecer o que acontece na escola e no bairro; 69 pessoas (26%) destacaram que o jornal contribui para valorizar a escola e o

bairro; 58 pessoas (22%) salientaram que o jornal valoriza as pessoas que aparecem da comunidade; 22 pessoas (9%) não souberam responder. Tais resultados demonstram a representatividade do jornal na comunidade, que valoriza os assuntos de interesse da população local.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade dos integrantes das comunidades produzirem suas próprias notícias e colocá-las em circulação, pode ser considerada uma estratégia produtiva para o exercício da cidadania. O jornal teve como finalidade oportunizar o processo de resgate do respeito e valorização da opinião da escola pública, na reconstrução da identidade da comunidade. O projeto de extensão capacitou ainda os acadêmicos no desenvolvimento de atividades de cunho comunitário, formando um vínculo com a comunidade local. O projeto foi, desde o início, uma fonte de informação para a comunidade, que passou a perceber os aspectos positivos na realidade do dia a dia no âmbito comunitário. O jornal oportunizou ainda a prática de Jornalismo Comunitário aos acadêmicos da Universidade Feevale, que aplicavam diariamente os conteúdos e conhecimentos adquiridos em sala de aula.

A integração entre a comunidade e a Universidade, possibilitou durante esses 13 anos em que o projeto existiu, o desenvolvimento de ações para a construção do periódico que comprovou a possibilidade de novas perspectivas para a comunidade, tornando-se protagonista de um jornal de cunho comunitário.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre, RS: Ed. Arquipélago Editorial, 2006.
- COGO, D. **No Ar... Uma Rádio Comunitária**. São Paulo: Editora Paulinas, 1998.
- FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo, SP: Atlas S.A., 2012, p.30.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1982.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ede. São Paulo, SP: Atlas S.A., 2012.
- KOVACH, B; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2003.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2006.
- NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2002.
- PAIVA, R. **O Espírito Comum**. Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PERUZZO, C. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PRODANOV, C; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SILVA, J. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2006.

WEBER, Max. **Max Weber: sociologia**. São Paulo: Ática, 1979.